



VILAS RUIVAS

A memória de um dos homens mais velhos da Beira Baixa

Por campos de azeitonas, serra e vintas para o Tejo passámos por Vila Velha de Ródão e Vilas Ruivas, terras conhecidas pela maior taxa de mortalidade do país e, ao mesmo tempo, pela menor taxa de natalidade. Conhecemos Joaquim Carmona, de chapéu de palha na cabeça, sentado à porta do café da aldeia de Vilas Ruivas à conversa com amigos. Todos lhe apontaram o dedo como o maior contador de histórias daquelas paragens. É também o mais velho da aldeia e das redondezas. Para o retrato mostrou-nos o seu novo bandolim. E tocou o tema 'Maria Papoila', com que durante anos animou as festas da região. "Adeus, ó terra/ adeus linda serra/ de neve a brilhar/Adeus, aldeia/ que eu levo na ideia/ não mais cá voltar".

Nos meus tempos de mocidade, aprendi com gente cá da terra a tocar guitarra e bandolim. Aprendia as músicas e as letras com rapidez e comecei muito novo a tocar nos bailes. Havia na minha aldeia 20 raparigas prontas a casar e 13 rapazes solteiros. Mas vinham rapazes de outras terras para tentar namoro com as moças.

Conheci a minha mulher num baile, numa terra chamada Alvaiade. Ela era a rapariga mais bonita e habilidosa que havia nas

redondezas. E tinha outra qualidade que eu apreciava muito: sabia ler muito bem. Não havia naquela época muitas raparigas com esses predicados. Apaixonei-me logo.

Tinha andado com outra rapariga, mas mal apanhei a minha mulher disponível, por se ter zangado com um namorado anterior, entrei logo em cena. Como tocava bem violino e cantava dei-lhe música e ela gostou. Foi uma sorte porque ela tinha muitos pretendentes. Namorei-a durante três anos e tal até casarmos. Nessa altura os pais não nos deixavam estar sozinhos a namorar. Eu ia namorar para a terra dela e connosco estava sempre uma raparigota, irmã dela, dez anos mais nova. Fazia de conta que era para guardar a gente. E era assim, não havia confianças. E mesmo que houvesse era numa fugida grande. Cheguei a escrever-lhe várias cartas de amor, mas costumava visitá-la todas as semanas. Tinha um cavalo e ia a galope para lá. Quando casámos ela veio viver comigo. Passei a lua de mel a plantar oliveiras na terra do meu sogro para ganhar uns trocos. Mas acabei por pedir emprego numas obras do caminho de ferro, o encarregado era meu conhecido.

Tentei por várias vezes entrar para o quadro da empresa, mas como era muito baixinho ficava sempre mal classificado. Até que acabou a regra da altura mínima e passei aos quadros.

De todos os meus colegas era o que sabia mais, embora só tivesse tido oportunidade de estudar até à 4ª classe. Mas lia muito e queria saber o máximo sobre todos os assuntos. O meu professor prometeu levar-me até ao 5º ano em regime grátis. Naquele tempo equivalia ao fim do liceu. Mas a minha mãe não quis. "E depois? Os teus irmãos?", perguntou. E não me deixou. Era assim a gente antiga. Mas como queria muito estudar e não pude, prometi que se tivesse filhos iriam chegar mais longe do que eu nos estudos. E assim foi. Tive duas raparigas que se formaram na universidade. Uma em biologia, outra em letras.

A vida no antigo regime era ruim, muito trabalhosa, ganhava-se muito pouco. Mas sempre hou-

JOAQUIM CARMONA 95 ANOS REFORMADO DA CP

● Destino de férias

Nunca tive grandes férias. Aproveitava para trabalhar nos meus terrenos. Mas sempre gostei de ir para as praias de Sintra, como a da Adraga e a do Magoito, e para as bandas da Ericeira.

● Um lema de vida

Estar ativo, sempre. Trabalhar e passear todos os dias. E correr o país todo.

● Um filme a destacar

Gosto dos clássicos antigos do cinema português. Como o "Pátio das Cantigas", com o António Silva e o Vasco Santana.

● Um prato preferido

Cozido à portuguesa ou um bom bife.

● Uma música

A 'Maria Papoila', que eu toquei muito e foi cantado no cinema pela Mírita Casimiro. Também gostava dos temas da Hermínia Silva, como a 'Tendinha' e a 'Rosa Enjeitada'.

● Um livro

Gosto dos romances clássicos. Como "As Pupilas do Senhor Reitor" ou "A Morgadinha dos Canaviais", de Júlio Dinis. E toda a obra de Eça de Queirós.

● Uma pessoa conhecida com quem gostava de jantar

O pintor Manuel Cargaleiro. Gosto das pinturas dele. Ele é meu amigo e parente. A minha mulher era prima direita dele.

● Um sonho de vida

Já não aspiro a mais nada. Tive uma mulher que amei, duas filhas queridas que se formaram e tenho duas netas e um neto. As netas também já trabalham, uma é médica e outra foi para atriz. Que sejam felizes. Como eu fui e sou.

ve para comer as coisas da terra, o que se cultivava no campo. Nesta terra nunca houve pobreza. Ninguém pagava renda de casa, todos tinham uma casa, uma horta, todos se iam governando assim. Os domingos eram sempre dias de festa. Guitarras, bandolins, concertina. Tudo brincava, tudo dançava. E onde eu ia tocar as festas eram melhores.

Cheguei a construir em casa um salão de baile. Havia festas todos os fins de semana, e tocava eu e outros tocadores. As pessoas da aldeia pagavam dez tostões para entrar. E assim fomos arranjando um dinheirito. Podia ter feito muito mais na vida, mas a gente no caminho de ferro estragava-se um bocadinho com demasiado vinho. Todos tinham que entrar nisso, mesmo sem quererem. Fazia parte da vida de ferroviário. Houve uma altura em que bebi bastante e isso arrelia a minha mulher. Se não fosse a bebida, teria estudado mais. Desejava ter sido professor ou engenheiro civil. Há dez anos que estou viúvo. A minha mulher teve uma trombose e acabou por falecer. Tenho comigo uma filha que me apoia.

Os meus dias são bons, apesar de ver e ouvir mal. Faço qualquer coisa na minha hortazinha, encontro-me no café com os meus amigos. Comprei um novo bandolim já depois de velho e vou tocando lá por casa. Passo assim o tempo. Nunca estou quieto. Sou o mais velho desta aldeia. Não há jovens por perto. A pessoa mais nova que vive em Vilas Ruivas deve ter à volta de 50 anos. Ainda ontem fizemos uma sardinhada com o povo todo. Juntou muita gente, mas era tudo de idade.

Aqui não há pobreza. Tudo tem uma pensãozinha e sabe orientar-se. Os que têm menos governam-se com 40 contos (200 euros) e as suas hortas e casas. A crise de que se fala foi o pessoal que a criou. Ninguém quer trabalhar no campo. Se cultivassem cá, ficava mais barato do que mandar vir de fora. Crise? As pessoas podiam regressar para a província, e viveriam melhor com menos dinheiro. Ninguém quer. Preferem estar na cidade a passar mal.

